

6. Investir prioritariamente nos serviços nacionais de saúde e nos centros de investigação que preparem os Estados para as eventualidades que sabemos que continuarão a ocorrer.
7. Reformular o ensino, devolvendo as ciências sociais e as humanidades ao seu lugar, como forma de apoiar o avanço tecnológico e de prevenir as formas de extremismo assentes na ignorância.
8. Assegurar que o Estado não se demite das suas funções nem é refém dos interesses privados, mas antes encontra uma forma de cooperação mutuamente útil com o sector privado.
9. Garantir um reforço das Nações Unidas e das instituições financeiras internacionais, rompendo definitivamente com o chamado consenso de Washington.
10. Assegurar uma profunda reformulação da fiscalidade interna e externa, combatendo determinadamente a evasão fiscal.
11. Assegurar uma política de investimento público que reforce a coesão social.
12. Regular os mercados financeiros e prevenir crises de efeitos desastrosos para os pequenos investidores e a economia em geral.
13. Prosseguir e acelerar o combate às alterações climáticas.
14. Aprofundar o processo de digitalização, aproveitando os aspetos positivos e controlando os negativos.
15. Ter a capacidade de distinguir o importante do acessório e de trabalharmos juntos, como aqui fizemos hoje.

Obrigado a todos.

DIA MUNDIAL DOS POBRES. O MEU DESASSOSSEGO UM DEPOIMENTO.

■ Teresa Vasconcelos

**“A Esperança dos Pobres jamais se frustrará (Sl 9, 19)
Podem os Pobres manter acesa a [sua] Esperança?”**

Dia Mundial dos Pobres – Mensagem do Papa Francisco

Pobres implorando
de mãos nos bolsos
a grande consolação
(Mário Rui de Oliveira⁷⁰)

Dedico este artigo/depoimento
à Irmã Maria de Lurdes Maia que partiu
para a eternidade de Deus em maio de 2019

reâmbulo

P O título da Mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Pobres⁷¹ – *Os pobres não podem esperar!* – é um grito, uma interpelação! Constatando que se trata de um fragmento do Salmo 9, começáramos

⁷⁰ Livro da Consolação. Assírio e Alvim, 2019.

⁷¹ 17 de Novembro de 2019, XXXIII Domingo do Tempo Comum

por afirmar que se trata mesmo de uma interpelação *muito antiga* e constantemente formulada e rezada ao longo dos séculos (infelizmente, frequentemente “frustrada”).

Como podem os Pobres manter acesa a sua Esperança?

Desenvolvo este Depoimento, escrito na primeira pessoa, em cinco partes: irei refletir inicialmente sobre a nossa própria inquietação enquanto cristão ou simplesmente cidadãos/ãs – de onde me/nos vem este desejo profundo, esta inquietação pela justiça e pela igualdade? Falarei da importância de termos **Guias** (pessoas e contextos) que nos ajudem neste caminho. Usando a metáfora do Papa na sua Mensagem que, quer literal quer figuradamente, denuncia a existência de **lixeiros**, falarei de “lixeiros”, não esquecendo algumas subtis lixeiras entre nós, isto é, no nosso país, dentro de casa. Na parte final do trabalho descreverei a importância do **trabalho em rede** para combater ou eliminar lixeiras, elaborando algumas reflexões finais. Assim este depoimento terá um ritmo simultaneamente narrativo – histórias, experiências, contextos – e reflexivo.

Irei, como que *bordando* o depoimento com textos do último CD de Pedro Abrunhosa intitulado *Espiritual*: para além da qualidade das canções deste músico português, o último disco é um verdadeiro depoimento sobre a sua própria inquietação espiritual, usando frequentes referências cristãs. Além disso *semearei* o texto com excertos da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial dos Pobres, bem como alguns dos compromissos do Novo Pacto das Catacumbas pela Casa Comum⁷². Relembro uma canção de Pedro Abrunhosa que afirma *A vida não pode esperar*, que relaciono de imediato com as palavras do Papa Francisco, “Os Pobres não podem esperar.” Assim a pergunta permanece: “É possível viver sem tanta pobreza?”

Retomando o título da Mensagem de Francisco aprofundo a raiz etimológica e o significado da palavra *frustrar* que vem do infinitivo latino *frustrare* e que, numa primeira aceção, indica: *enganar a expectativa de.../ decepcionar/ iludir/defraudar*. Daí que os Pobres “não possam esperar”.

72 Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, elaborado por um conjunto de bispos no âmbito do Sínodo Pan-Amazónico (outubro de 2019).

Além de ser uma interpelação, o fragmento do salmo 9 acima enunciado é também um convite à Esperança, mas também uma resposta que se pode tornar em projeto de vida para nós: **JAMAIS!**

Antes de passar à Exortação do Papa Francisco queria lembrar que o Novo Pacto das Catacumbas nos convida a:

...renovar nas nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres (...) e, juntamente com eles, **garantir o direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja. (...)**. Crescer na consciência de que eles devem ser respeitados local e globalmente e, conseqüentemente, incentivar, por todos os meios ao nosso alcance, **que eles sejam acolhidos em pé de igualdade no concerto mundial de outros povos e culturas** (n.º 4). (sublinhados meus)

Este Pacto define desde o início algo de fundamental, que é o convite a uma *opção preferencial pelos pobres*, levando-os a ser protagonistas da sua própria vida. Talvez possamos ir ainda mais longe: os pobres são “bem-aventurados” por Cristo porque “deles é o reino dos céus”.

“Deus precisa das nossas mãos” afirmava Etty Hillesum no seu Diário. Assim, os Pobres precisam das nossas mãos [das minhas mãos], ou melhor ainda, **Deus precisa** das nossas mãos para eliminar os pobres desta terra. Acredito ser esta uma *missão* para todos aqueles que se dizem “discípulos/as de Cristo”. Ele precisa das nossas mãos para “segurar o mundo.”

Assim, é como *mulher pobre, inquieta e desassossegada* no meio dos Pobres de Cristo, que escrevo o depoimento.

Não posso deixar de referir ainda, em jeito de preâmbulo, que não basta o meu/nosso posicionamento pessoal. São necessárias estratégias globais contra a pobreza. Se pensarmos na sociedade portuguesa, os dados do Instituto Nacional de Estatística divulgados em 26 de Novembro de 2019 informam que 17,2 % da população está em risco de pobreza, nomeadamente trabalhadores que, em média, usufruem apenas de um salário de 501€ por mês, manifestamente insuficiente para uma vida com dignidade. Portanto a questão da pobreza é *sistémica* mas simultaneamente política. Quem nos governa tem a responsabilidade ética de trabalhar

para diminuir este flagelo. As instituições da sociedade civil podem ajudar, colaborar, estar alerta, denunciar... não podendo fazer tudo.

1. De onde nos vem esta inquietação?

Sempre pensei ser importante irmos ao fundo de nós mesmos e analisar as origens das nossas convicções, sobretudo para estarmos conscientes dos riscos que elas possam representar na nossa motivação para a ação. Acredito que, enquanto discípulos e discípulas de Cristo, devemos rezar sobre a raiz das nossas convicções com lucidez crítica. O que nos leva a querer trabalhar com e pelos pobres? Que injustiça nos inquieta? Este creio ser um primeiro passo para nos entendermos a nós próprios nas diferentes "missões" a que nos sentimos chamados ou chamadas. *De onde nos vem esta inquietação?*

De onde **me** vem esta inquietação, a mim, Teresa Maria, mulher que se afirma cristã, de classe média, ex-professora do ensino superior, aposentada (com uma pensão que dá para viver com um mínimo de dignidade e qualidade de vida), - diria mesmo que uma mulher socialmente privilegiada -, membro empenhado do Movimento do Graal desde os meus 25 anos de idade? de onde **me** vem esta inquietação com a **injustiça social** que nos rodeia? Trata-se de uma inquietude ou de um desassossego que talvez tenha alguma raiz em experiências vividas nos primeiros anos ou na adolescência e que me fizeram perguntar: **porque é que tem de ser assim?** Nesses anos, rebelde, não aceitava a resposta "tem de ser assim porque sempre foi assim". Questionava frequentes vezes o estabelecido e continuo vivendo nesta consciência de que sou uma *mulher rebelde*. Pago um preço, mas tenho claro para mim que essa rebeldia se tem transformado no meu caminho.

Pedro Abrunhosa lembra-nos: *Guarda-me hoje, há estradas a acender*. Neste depoimento não quero entrar no narcísico padrão, "this is about Me" (tudo isto à volta de Mim), tão comum aos dias de hoje: apenas pretendo narrar histórias e episódios do meu contexto de vida. Sempre fui inspirada pelo pensamento de Paulo VI: "A Justiça é a medida mínima da Caridade".

2. Precisamos de Guias

Para mim, pessoalmente, a mensagem de Cristo [sobretudo] no Novo Testamento tem sido um **Guia** para uma espiritualidade que me leva à ação em diferentes fases e momentos da minha vida. O Papa Francisco, ele próprio, no seu testemunho, tem sido um **Guia** para os tempos que vivo hoje. Assim, esta mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Pobres pode ser um **Guia** para nós.

Tive **guias** que me ajudaram transformar num compromisso com a justiça social este meu sentido de que algo era injusto. Fui sendo orientada para causas "boas" (me dirão no fim deste depoimento se serão boas, porque **causas** têm sido!). Graças a Deus encontrei na vida pessoas que me foram orientando na minha rebeldia:

- a minha Mãe com infinita paciência para os seus sete filhos (foi a nossa primeira catequista!) procurando ser justa com todos e respeitando com inteligência a individualidade de cada um de nós; um Pai dedicado aos seus doentes, sobretudo aos mais desfavorecidos (quando morreu prematuramente alguns dos seus doentes foram a nossa casa torcendo as mãos de desgosto: "Menina que havemos de fazer, morreu-nos o nosso bom senhor doutor!");
- uma empregada antiga muito cúmplice, que me ensinou a rezar; gostava tanto dela, foi mais fundadora para mim do que a minha própria avó. Ela chamava-me com ternura a "Maria da Fonte" e quando a minha Mãe se zangava com as diabruras que eu fazia defendia-me, interpellando-a: "olhe que a menina também não era assim tão mansa em pequenina" ...
- o pároco da minha freguesia (Aldoar) no Porto, no tempo do Vaticano II. Homem inteligente e aberto, iniciou-nos aos documentos do Concílio, criou grupos de "revisão de vida" na paróquia onde fui catequista muitos anos; um dia, bastante mais tarde, contou-me que eu tinha sido a primeira

mulher da paróquia a fazer uma leitura do ambão; não me recordava... uma boa memória que só me responsabiliza...

- os movimentos da Ação Católica entre os estudantes: a JECF⁷³ e nomeadamente a JUCF⁷⁴. Nos anos 1960 na apelidada “Casa da Torre da Marca”, no Porto, escutei pela primeira vez Maria de Lurdes Pintasilgo a recitar, no final da sua conferência, o poema de António Gedeão intitulado “Calçada de Carriche”: *Anda Luísa/ Luísa sobe/ sobe que sobe/ sobe a calçada*; ainda hoje ouço a voz martelada de Maria de Lurdes Pintasilgo na sua preocupação com as questões das mulheres: um momento fundador para a minha inquietude de jovem de 18 anos;
- uma religiosa Doroteia⁷⁵ que foi minha “mãe espiritual” e a quem dedico este depoimento: ela foi verdadeiramente uma *diretora espiritual* desde os meus 18 anos e ao longo da minha vida (partiu para Deus em maio de 2019); de uma inteligência fulgurante marcou as minhas convicções políticas, de cidadã, de mulher, na sensibilidade às injustiças sociais e, claro, na busca de Deus em Jesus Cristo;
- o movimento internacional do **Graal** a que pertencço desde os meus 25 anos⁷⁶, onde aprendi que não posso ser cristã sem trabalhar por uma sociedade mais justa, promovendo

73 Juventude Escolar Católica Feminina

74 Juventude Universitária Católica Feminina.

75 Aproveito para prestar homenagem à Irmã Maria de Lurdes Maia, uma homenagem saudosa e fiel.

76 Da Declaração da Visão Internacional do Graal (revista em 2011): “Somos um movimento internacional e uma comunidade de mulheres de diferentes culturas, origens sociais e gerações. Confiamos no Espírito de Deus, Mistério e Fonte da Vida. Somos chamadas a criar um mundo sustentável, transformando o nosso planeta num lugar de paz e justiça (...). Somos fortalecidas pela energia compassiva e a ação criativa das mulheres (...).”

a escuta da “voz” das mulheres na determinação do nosso destino comum;

- uma longa vida profissional dedicada à educação, nunca esquecendo os mais desfavorecidos – crianças, jovens e adultos, sobretudo mulheres – formando profissionais (assim o espero!) com sensibilidade às questões da igualdade e da justiça.

Referi-me a pessoas e contextos como guias. Mas será de experiências que vou sobretudo falar. Creio ter bem enraizado o sentido de que o mundo em que vivo pode ser *belo e bom*, mas frequentemente é *injusto*. Esse facto tem-me levado a preocupar com os mais pobres (no corpo e na alma), sobretudo com as injustiças de que são vítimas e que estão tão bem enunciadas na Mensagem do Papa Francisco. A vida me foi ensinando também que sem *compaixão* não há justiça. Mas fui tomando consciência que somos nós que reproduzimos a pobreza, geração após geração, e que só mudanças muito profundas nas sociedades de hoje podem levar a que não se reproduzam os ciclos da pobreza.

O meu trabalho profissional iniciou-se com crianças das “ilhas” do Porto (bairros operários) da zona de Cedofeita. Este trabalho foi mesmo um primeiro *guia*: uma IPSS da paróquia de Cedofeita em que era então pároco Manuel Martins, posteriormente bispo de Setúbal. Quando acabei a minha formação declinei um honroso convite para trabalhar no colégio das Doroteias e optei desde logo pelos meninos “ranhosos e piolhentos” que frequentavam a creche e jardim de infância de Cedofeita, um “feitiço” que me foi lançado pela irmã acima mencionada. A Irmã Maria de Lurdes Maia transformou uma escola de formação de educadoras (de infância) de e para as elites da cidade do Porto, numa escola de verdadeira cidadania e compromisso social na sua área de influência. Na verdade, desinstalou-nos, mandando-nos para estágios com as crianças mais pobres da cidade – Barredo, bairro da Fonte da Moura, Afurada, Cedofeita...; com a sua equipa de formadores levou-nos a visitar fábricas e hospitais para conhecermos as condições de vida dos “mais pobres”. Uma Mulher-Profeta antes do seu tempo. Com ela aprendi antes de termos democracia a gostar das canções de protesto de Adriano Correia

de Oliveira. Abri bem os olhos para a miséria dos finais dos anos 60 no Porto. Eram tempos cinzentos de ditadura.

Cito, da mensagem do Papa Francisco:

Era o tempo em que pessoas arrogantes e sem qualquer sentido de Deus [apesar de baterem no peito e frequentarem as igrejas] espiavam os pobres para se apoderar até do pouco que tinham, reduzindo-os à escravidão.

Profissionalmente eu visitava as casas das crianças com quem trabalhava. Na creche dava-lhes banho numa velha banheira da nossa infância que a minha mãe me cedera, matava piolhos, limpava narizes ou ouvidos infetados, enquanto uma das senhoras idosas que tomavam conta das crianças afirmava enfaticamente aos meninos: “se me [mijas] nessa cama meto-te num saco com ratos e meninos mortos” (sic). Claro que grande parte das crianças passava da ameaça ao ato empestando toda a creche com cheiro a urina velha em colchões de folhelho. Organizámos colónias de férias para as crianças que pela primeira vez puderam conhecer o mar. Arranjávamos donativos para comprar materiais educativos de qualidade para as crianças. As crianças passaram a ter presentes novos pelo Natal em vez de brinquedos velhos e estragados doados à paróquia. Pude constatar, ao jeito da Mensagem do Papa Francisco, como os pobres:

se torna[ra]m, eles próprios, *parte duma lixeira humana*, tratados como lixo, sem que isto provoque qualquer sentido de culpa em quantos são cúmplices deste escândalo.

Bem mais tarde, nos primeiros anos após o 25 de Abril de 1974, contribuímos para o lançamento de jardins de infância em meio rural na região de Viana Castelo⁷⁷. À noite, formada pelo Movimento do Graal na educação de adultos e usando o “método Paulo Freire”, fazia alfabetização em aldeias nos arredores de Viana do Castelo. Passados uns anos suspendi a minha atividade profissional na formação de educadores e,

⁷⁷ Era então professora na Escola Normal de Educadoras de Viana do Castelo, uma experiência pedagógica criada ao abrigo da reforma Veiga Simão.

no âmbito dos projetos do Graal, mergulhei em cheio na alfabetização e conscientização de mulheres em meios rurais desfavorecidos nos arredores do Porto. Criámos os “programas de animação infantil em meio rural”, por iniciativa das mulheres, mães das crianças, e com o apoio de jovens animadoras locais formadas por nós. Tratou-se de uma inovação pedagógica fundadora de outras iniciativas levadas a cabo posteriormente pelo Ministério da Educação. O argumento das mães era que “os nossos filhos não passem tão mal na escola primária como nós: queremos que eles tenham uma iniciação pré-escolar como as crianças da cidade”.

A filosofia e perspectiva educacional de Paulo Freire passaram a “habitar” tudo quanto eu fazia – profissional, religiosa ou humanamente. Paulo Freire, grande **Guia!** Relembro o poema e a voz de Pedro Abrunhosa: *Vamos levantar voo longe das trevas. Na voz das pedras. Vamos levantar voo.*

Sim, com o apoio dos meus **guias** ia levantando voo.

3. As “Lixeiras”

Uma Lixeira em South Bronx (Estados Unidos)

A realidade de meados e finais dos anos 80 do século passado, no “eldorado” que eram os Estados Unidos para tantos, podia ser muito dura para muitos, face a uma sociedade tão *desigual*, tão *violenta*, tão *individualista*. Enquanto estudava para fazer o meu mestrado em Nova Iorque tive de trabalhar em *South Bronx* (1984-87), um dos bairros mais pobres e violentos da cidade, um verdadeiro gueto. Precisava de ganhar a vida e pagar os meus estudos de mestrado e fazer face às despesas do quotidiano. Sem qualquer bolsa de estudos, eu era então uma *freelancer*. Não tinha escolhido fazer aquele tipo de trabalho mas não possuía o visto adequado para permanecer nos EU como professora. O filme *Joker*, que esteve em cartaz, dá uma boa imagem do contexto onde trabalhei: a violência e o risco, a agressividade e o barulho, os “cheiros nauseabundos” (a Nova Iorque dos sem-abrigo a viverem nos túneis do metro); a situação melhorou com a “caça ao pobre” (no tempo dos *mayors* Giuliani e Bloomberg), empurrando os pobres para bairros ainda mais na periferia. *South Bronx* tornou-se apetecível (e ainda é) para as

grandes imobiliárias. Mas havia então movimentos de moradores que se recusam a sair do seu bairro que permanecem.

Afirma o Papa na sua Mensagem:

A realidade, hoje, não é muito diferente! A numerosos grupos de pessoas, a crise económica não lhes impediu um enriquecimento tanto mais anómalo quando confrontado com **o número imenso de pobres** que vemos pelas nossas estradas e a quem falta o necessário, acabando por vezes humilhados e explorados (sublinhado meu).

Tratava-se de um Programa de Prevenção contra o Mau Tratamento de crianças, intervindo na família no seu conjunto, e em que nós visitávamos as famílias pobres que viviam nos apartamentos dos altos prédios de realojamento (com os elevadores sistematicamente avariados) ou nos edifícios perigosamente degradados, de modo a orientar as mulheres, mães de família. Na sua maioria eram mães solteiras e muito jovens, beneficiavam do *Welfare* (a Segurança Social dos EU); se casassem perdiam o direito à Segurança Social, à assistência hospitalar gratuita para os filhos (*Medicaid*), à habitação social, etc. Portanto... não casavam! Os companheiros iam variando... Uma noite sonhei que estava no alto de um desses edifícios de onde só se via destruição à volta, como se de um cenário de guerra se tratasse, e senti ser o "campo de Jeremias" que o profeta mandou comprar quando estava na prisão de onde nunca mais saiu: constatei até que ponto aquele cenário de *South Bronx* invadira a minha psique.

Este Family Life Service era um *visiting service*, um programa que procurava apoiar as famílias (já referenciadas pelos serviços sociais públicos – aqui dir-se-iam *sinalizadas*, palavra que detesto), através de um serviço doméstico com "avós", mulheres mais velhas e estáveis da comunidade (constituída por porto-riquenhos, negros, imigrantes da República Dominicana, etc.). Essas "avós", a troco de um salário a meio tempo, permaneciam nas casas – uma manhã ou uma tarde –, apoiando as jovens mães (algumas adolescentes) e mantendo-se atentas onde houvesse crianças muito pequeninas que pudessem ser vítimas de abuso ou mau

tratamento. O que mais me revolvia em Nova Iorque era o "cheiro da miséria". Encontro-o, cada vez mais, em muitos locais de Lisboa.

Fui contratada como *early childhood specialist* para acompanhar mais de perto as crianças pequeninas. Talvez seja útil para a compreensão do contexto relatar um "caso". Acompanhei uma família de apelido "Hernandez" (eu era "case worker", responsável pelo "caso"): mãe (alcoólica), companheiro (passador de droga), um menino W. de cinco anos de idade (filho de uma outra relação da mãe) e uma pequenina S. de um ano e meio com algum atraso no desenvolvimento por falta de estimulação. Uma manhã, um tio, acabado de chegar de Porto Rico, tomou *crack* e invadiu o apartamento, arrastando a mãe cá para fora, destruindo a mobília e agredindo a criança contra as paredes. O irmão mais velho, W., estava, graças a Deus, no programa *Head Start*. A menina morreu a caminho do hospital... Ajudei o W. a gerir a perda (deixou de saber brincar, parecia um animalzinho, segundo Winicott⁷⁸); ele era tão responsável pela irmã, facto frequente nos filhos mais velhos de pais alcoólicos. Na tradição porto-riquenha, pede-se dinheiro nas ruas para o funeral, as pessoas são generosas; na maior parte das vezes a generosidade não é propriamente bem usada: aconteceu com o pai da S. Fui procurá-lo na rua onde deambulava muito drogado, enfiei-o (literalmente!) no carro da diretora do programa – atrás o L. injetava-se na perna com heroína, usando um torniquete em borracha; parei numa "bodega" do bairro e obriguei-o a tomar duas chávenas de café colombiano (bem forte) interpelando-o: "Nunca se perdoará se não estiver presente no funeral da sua filha". Chegámos a tempo ao cemitério. O pai da S., correndo à minha frente parecia que voava, tão "pedrado" estava! Ainda hoje me arrepio com este episódio. Não sei de onde me vieram forças e coragem... Uns dias mais tarde fui limpar a casa dos vestígios de toda aquela violência para que mãe e filho – sem outra alternativa – pudessem regressar.

Quero ser honesta: não escolhi fazer este tipo de trabalho. Fui forçada a exercê-lo por causa de outras circunstâncias: precisava de ganhar a vida

78 Winicott foi um pediatra e psicanalista inglês que se dedicou à psicanálise de crianças e estudou como as situações traumáticas retiram à criança a capacidade de brincar.

e tinha a vantagem de falar espanhol além do inglês. Facilitavam-me os horários para chegar a tempo das aulas ao fim da tarde, numa zona bem mais segura em Manhattan, atravessando de autocarro o decadente bairro de Harlem. Resmungava para mim própria: “não sou assistente social!”, “não quero trabalhar nesta miséria” (física, económica, mas sobretudo mental e emocional). Sou sensível à estética, à harmonia, à luminosidade, à natureza bem verde. Tudo aquilo era sombrio, feio, agressivo, barulhento, cheirava mal (o cheiro da miséria) e era bem violento à primeira vista: “Parece que estás nos *Hill Street Blues*” (uma série policial americana, então muito apreciada em Portugal), escrevia-me a minha mãe em resposta às minhas missivas.

...e, depois, ou se entrava ou então **fugia-se!!!!**

Cito Pedro Abrunhosa no seu poema cantado: *Aqui começou a terra prometida. Podes entrar ou estar de saída?*⁷⁹

Malgré moi, entrei. A equipa era muito boa e coesa, só podíamos ser solidárias/os entre nós, os problemas que encarávamos eram tão complexos e tão para além do que podíamos fazer. Era todo o “sistema” que estava ao contrário... Depois foi a fé, a confiança em Deus (literalmente, eu corria perigo físico...). Ensinaram-me os mecanismos de protecção. O Programa era muito bem aceite na comunidade, as pessoas sabiam que estávamos do lado delas. Deixei vir à superfície o amor pelas **pe-soas** (ainda hoje sei os nomes das famílias de cor). Eram tão lindas as crianças! E os adultos! As jovens mulheres, sobretudo, grandes lutadoras. Aprendi a olhar aquela “beleza” anímica (exatamente: uma beleza que emergia da alma...). Paul Ricoeur lembra: “O Outro já está em mim”. Num poema escrevi então: “My home is here” (minha casa é aqui). Fui aprendendo, creio, o sentido cristão da aceitação da missão. Era **ali** o meu lugar. **Entrei.** Sobrevivi.

À noite regressava a Brooklyn. Sempre era mais sossegado... Uma médica que conheci em Nova Iorque perguntou a propósito do meu trabalho em South Bronx: “Mas não acha que merece melhor?” Nessa altura olhei para ela estupefacta. Como era possível fazer-se uma pergunta destas? Infelizmente numa Nova Iorque fragmentada os diferentes bairros

79 Ibid. Vem ter comigo aos Aliados.

(boroughs) eram assim: as pessoas de Manhattan não visitavam South Bronx ali ao lado, nem sequer visitavam Brooklyn, os de Brooklyn não visitavam South Bronx ou Queens. Mas *South Bronx* continua lá, talvez menos decadente, pareceu-me, quando regresssei no verão de 2015. Penso que se entende o quão fundadora foi esta experiência para ir formando o meu sentido de justiça... e de reconhecimento de que todas as circunstâncias da vida convergem para a nossa missão no mundo. Depois de quase três anos e meio a trabalhar neste contexto nunca mais parei de me sentir desafiada por estas situações-limite. *Tem mesmo que ser assim?* – sou radical, procuro ir à raiz... às vezes é uma desmesura. Talvez se possa fazer alguma coisa... a população de *South Bronx* está inscrita para sempre no meu coração. Ainda hoje visualizo as pessoas e rezo por elas.

Afirma a Mensagem do Papa: “Invoca o juízo de Deus para que seja restabelecida a justiça e vencida a iniquidade”.

Pedro Abrunhosa lembra numa das suas canções: *Olha que o céu nos vê. O meu corpo chama o teu corpo.*

Entendi que Cristo precisava das minhas mãos. Continua o Papa:

Aos olhos do mundo, é irracional pensar que a pobreza e a indigência possam ter uma força salvífica; e, todavia, é o que ensina o Apóstolo quando diz: “Humanamente falando, não há entre vós muitos sábios, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa. Assim, ninguém se pode vangloriar diante de Deus” (1 Cor 1, 26-29).

São Paulo na 1.ª Carta aos Coríntios é radical, vai à raiz. Que grande interpelação para mim própria! Relembro Dorothy Day⁸⁰, a grande após-

80 Para mais informações sobre Dorothy Day leia-se *Tudo é Graça: A revolução de Dorothy Day*, traduzido nas edições Paulinas (2016).

tola dos pobres em Nova Iorque, a mística pacifista. Lia o jornal *Catholic Worker* por ela fundado: uma inspiração! *Upper West Side* (onde vivia e trabalhava Dorothy) e o filme *Joker* percorrem-me a memória. Nesses anos, depois das aulas, regressava todos os dias ao centro do Graal em Brooklyn. Tudo era belo e simples naquela velha casa numa zona residencial, ao jeito da colonização holandesa (*brownstone buildings*). Um bairro residencial sossegado. Na sala do 1.º andar, uma janela ampla mostrava as árvores da rua e havia, na primavera, vasos com plantas coloridas das quais tratava. Da janela vinha luz, muita luz...

Duas histórias de lixeiras em Angola

Luanda, cerca de 1986, ainda durante a guerra civil. Não se podia sair da cidade: as crianças só iam aos programas infantis PIC-PEC, então disponíveis para algumas delas, e financiados pela UNICEF. Mas elas só iam ao programa quando havia alimento – bolachas da UNICEF que tinham os ingredientes alimentares necessários; caso contrário eram forçadas a ir “catar” restos de comida nos enormes montes de lixo a céu aberto. Lembro num dos PIC um grupo de jovens muito brancas e loiras e de rabo-de-cavalo (para não apanharem piolhos), levadas por uma ONG americana a visitar os “pobres”: distribuíam escovas e pasta de dentes na sala de chão em terra batida. O grande objetivo era... tirar fotografias às crianças (individualmente ou em grupo) para a posteridade. Creio poder afirmar que toda aquela terrível miséria e fome passava ao lado. Também relembro quando me contaram que não havia aviões para trazer doentes isolados para o hospital porque todos estavam ocupados para levar alimentos e frutos frescos aos “cooperantes” disseminados em todo o país. Quem eram os/as “indigentes”? pensava eu.

No Lobito depois da guerra, anos 2012, dormi na casa de uma jovem mulher do Graal: bairro “novo” na periferia, construído literalmente sobre um amplo monte de lixo muito antigo e já calcificado (assim o espero...). Chamava-se o bairro da *Lixeira*. Creio ter sido uma lixeira muito antiga, ainda dos tempos coloniais, mas a cidade foi crescendo e a *Lixeira* começou a ser ocupada para construir: as casas estavam inacabadas e eram feitas com tijolos artesanais em cimento; também o chão era de terra batida para evitar a obrigatoriedade de licenciamento.

Não havia esgotos nem água potável, poças de lama com insetos – um perigo para as crianças!

Uma história em Moçambique

Um “querido mês de agosto” passado no Maputo e na Beira (sim, conheci a lindíssima cidade da Beira, antes da destruição provocada pelo ciclone Idaf). Com uma amiga do Graal vamos ao mercado de Chipamanine em Maputo num “chapa” – os degradados transportes públicos onde tudo entrava enquanto coubesse: pessoas, animais de capoeira, enormes sacos com produtos para vender. Tive receio de me perder naquelas ruelas labirínticas do mercado a céu aberto (um verdadeiro *souk*) onde se vendia, desde cabeça de vaca barbeada, a pequenos painéis solares à medida de casas pequenas ou mesmo cubatas. A minha amiga, uma moçambicana de gema, avançava despachada em busca do que queria comprar. “E se me perco”? gemia eu para dentro. Mas lembrou-me das “mamãs” à entrada do mercado a vender fruta e legumes. Uma festa de cores e gargalhadas. Estaria protegida com quem afirma consistentemente, na maior boa disposição, “Tudo Bem, Nada Mal”. Pedro Abrunhosa aconselhar-me-ia: *Bebe a paz dos que não têm poder!* E diz-nos o Papa:

Mas, perante esta multidão inumerável de indigentes, Jesus não teve medo de Se identificar com cada um deles: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40).

Índia, meados dos anos 90

Visita a uma irmã minha que vivia em Nova Deli e era intermediária entre fábricas locais e empresas europeias. A era da globalização no seu pleno. No início não consegui (literalmente!) sair de casa tal a pobreza, as crianças agarravam-se-nos ao corpo, era uma violência. À saída das residências guardadas viviam milhares de pessoas ao relento, à chuva, sem ter como comer. Iam morrendo assim. Acompanhei a minha irmã que tinha de ir visitar fábricas em Madrastra, no sul, em que os rapazi-nhos-operários eram mais bem pagos do que as mulheres. Salários de miséria, horas sem fim a trabalhar... Não conseguia sequer comprar,

tal como planeava, algumas das coisas lindíssimas que há na Índia. Consegui, no entanto, ir ver algumas das maravilhas arquitetónicas daquele país inesquecível e belo: antes de regressar, tornei-me "madrinha" de uma menina de seis anos de idade residente em Madrasta. Rama Devi, de sua graça. Fi-lo através de uma agência de solidariedade credível. Financiei a educação (bilingue) desta menina até ao fim do secundário: anualmente recebia uma fotografia dela com uma mensagem de boas festas, enquanto me informava alternadamente que desejava ser bombeira, polícia ou médica. Guardo num álbum as fotografias que recebia de ano a ano. De pequenina e olheiranta transformou-se numa linda jovem. Nunca estive com ela ao vivo, nem a organização recomendava que o fizéssemos. Passado o prazo de apoio adotei outra menina, também de Madrasta. Bastava enviar para a agência uma boa parte do meu 13.º mês em cada ano. Acredito ter sido um pequeno gesto reparador pela vergonha que senti (enquanto mulher europeia) ao deparar-me com tanta e tão conformada pobreza. Entendi melhor a Madre Teresa de Calcutá e fui ler os seus "escritos privados".⁸¹ Insisto na Mensagem do Papa:

Quantas vezes vemos os pobres nas *lixéiras* a catar o descartado e o supérfluo, a fim de encontrar algo para se alimentar ou vestir!

Ouso dizer: Lá como cá....

Subtis Lixeiras entre nós

Afirma Francisco:

Aos pobres, frequentemente considerados parasitas da sociedade, não se lhes perdoa sequer a sua pobreza. A condenação está sempre pronta. Não se podem permitir sequer o medo ou o desânimo: simplesmente porque pobres, serão tidos por ameaçadores ou incapazes.

81 Vem Sê a minha Luz: Os escritos privados da Santa de Calcutá. Ed. Alêtheia, 2008.

Neste momento alargo o significado daquilo que apelidamos "pobreza" porque vou falar a partir de um país europeu: nós, "dentro de casa". Estão comigo neste depoimento aqueles que, entre portas, têm fome e sede de justiça: as vítimas de stress pós-traumático (ainda) do tempo da guerra colonial; os sem-abrigo (segundo o Papa: "os descartáveis da sociedade"); as mulheres vítimas de violência doméstica; as crianças mal tratadas e sexualmente abusadas ou, simplesmente, sem pais disponíveis; crianças ou adultos vítimas de tráfico; os que são discriminados em virtude da sua opção sexual ou mesmo os que vivem no seu corpo, penosamente, o espinho e o estigma de uma identidade de género em processo de definição; os mais velhos, isolados e abandonados nas suas casas; os que não têm acesso à saúde ou vão sobrevivendo (ou não...) em listas de espera; os doentes em cuidados paliativos e que morrem sem ninguém ao lado; as minorias culturais e sociais (os ciganos; as pessoas de ascendência africana ou outra vindas das ex-colónias, os muçulmanos, os refugiados do Médio Oriente etc.); as mulheres exploradas no emprego, os desempregados e os jovens sem acesso ao primeiro emprego, as crianças vítimas de *bullying*; as pessoas sós ou isoladas da família; os que enchem as prisões; as pessoas com doenças mentais (ou apenas deprimidas), as pessoas com dependências; aqueles que são *diferentes*. Não seremos, afinal, *todos estrangeiros* mas não seremos também *todos indigentes*⁸²?

Lamento se vou ser frontal em demasia, mas esta postura faz parte do meu jeito pessoal e da forma como vivo o sentido da justiça. Escolhi deliberadamente estas duas situações-tipo porque representam, de modo indireto talvez, as subteis contradições do nosso desejo de justiça e igualdade. Por essa razão vou falar claramente na primeira pessoa de dois problemas:

Há *IPSS*⁸³ que são financiadas pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social com as quais se passa algo de muito grave: a maior parte delas recebe sobretudo crianças

82 Frei Carlos Antunes. *Só o Pobre se Faz Pão*. Paulinas, 2013.

83 Instituições Privadas de Solidariedade Social, frequentemente pertencentes à Igreja Católica.

dos 0 aos 6 anos, antes do início da escolaridade obrigatória. Trata-se de uma problemática sobre a qual estou bem informada por anteriores imperativos profissionais. Estas instituições, quando começam a ter maior qualidade educativa, são tomadas literalmente *de assalto* pelos pais de classe média ou média alta – são aqueles que estão mais informados sobre o que é qualidade pedagógica. Ora estou a mencionar serviços de *solidariedade social*: parece-me que serão as crianças mais desfavorecidas que devem ter prioridade no acesso, já que precisam de frequentar boas instituições para reduzir os efeitos da pobreza. Assim, estas medidas de gestão financeira das instituições têm levado a uma crescente desigualdade social, deixando famílias em situação de maior vulnerabilidade económica sem respostas ou com respostas de menor qualidade. São situações aparentemente factuais, mas que emergem como cogumelos em variados pontos do país, como um cancro que invade todas as células. Inúmeros estudos científicos a nível nacional e internacional demonstram que só uma a educação de infância de *superior qualidade* pode ajudar a suprir as desvantagens económicas e sociais das famílias de origem. Ora essas crianças são *empurradas* para fora, para as “piores” IPSS, com a complacência de muitas direções, porque as crianças de classe média, em virtude das capitações, trazem mais dinheiro para a IPSS seleccionada pelos pais. Ora não estamos a falar de Ensino Particular e Cooperativo, refiro-me a instituições de solidariedade social financiadas com o dinheiro dos contribuintes. Não quero ser facciosa e haverá honradíssimas exceções. No entanto trata-se de uma *perversão*, de uma *injustiça*. Afirmo este facto com conhecimento de causa e por isso posso ser contundente e descrever na primeira pessoa esta adulteração social: para mim trata-se uma perversão da solidariedade. Não me canso de denunciar esta situação em qualquer fórum em que possa ser ouvida... e há quem não goste nada daquilo que afirmo.

Banco Alimentar Contra a Fome. Pelo menos duas vezes por ano *somos generosos* e fazemos donativos em alimentos nos supermercados. Ainda bem. Faço parte desses cidadãos que querem estar atentos aos que nada têm. Mas o Banco Alimentar, que encaminha posteriormente os donativos para as IPSS, bem como a Segurança Social devem filtrar criteriosamente quem recebe ajuda: algumas (ou outras) das instituições mencionadas no ponto anterior recebem abundante reforço alimentar. É justo que alimentem quem vem de fora, recorrendo à instituição para equilibrar um magro orçamento familiar. Para isso existem assistentes sociais ou outros profissionais, velando por quem precisa. Mas *dentro de portas*, nos serviços prestados pela própria instituição a crianças ou idosos, há que ter uma *visão ética*. Será que aquelas crianças e idosos são os que mais precisam? Porque se acontece o que mencionei no ponto anterior, também pode suceder o mesmo neste contexto. Há que regular quem precisa mesmo de apoio. E se as próprias instituições não querem fazê-lo de modo transparente, sejam a Segurança Social ou o próprio Banco Alimentar a fazê-lo. Ou então que levante a voz uma cidadã anónima como eu, e que afirme que “o rei vai nu!” Na verdade, somos um país de pequena e da grande corrupção... e tudo se pode viciar com o nosso consentimento, prejudicando assim outros que precisam mais do que nós. Fechamos os olhos. Quem sou eu para dizer o que se deve fazer?⁸⁴ Mesmo no combate à pobreza pode haver um “salve-se quem puder!” No entanto era bom que todos os cristãos (e todas as pessoas de boa vontade, claro!) pensassem seriamente nesta questão.

84 Quando apresentei em público este depoimento uma religiosa veio falar comigo no final. Que sob a alçada da sua ordem estavam duas instituições, uma realmente para crianças muito desfavorecidas e outra para crianças de classe média. Era graças à flexibilidade do uso dos donativos do Banco Alimentar e a uma engenharia de subsídios que se conseguia equilibrar aquela em que as famílias pagavam menos. Não há regra sem exceção, afirmou-me eu, confiante. Mas posteriormente pensei: porque é que em cada instituição não se misturam saudavelmente crianças de diferentes grupos sociais em vez de criarmos *guetos*?

Migrantes e refugiados em lixeiras?

Diz a Mensagem do Papa:

Todos os dias encontramos famílias obrigadas a deixar a sua terra à procura de formas de subsistência noutra lugar".

Pedro Abrunhosa a propósito do menino Aylan⁸⁵ canta a canção:

*Meu Deus meu Deus porque é que não fui eu?
De onde vens pequeno Aylan
Para ti já é noite para mim é manhã
É tempo de vires pequeno Aylan
De onde vens não veio amanhã.*

Apesar desta canção nos soar aos ouvidos e ainda nos incomodar, o Mediterrâneo continua a ser um cemitério para milhões de migrantes e refugiados. Constatamos, mais uma vez, a "globalização da indiferença" de que fala o Papa. Conhecemos sobejamente as mais recentes votações da União Europeia quanto ao [não] acolhimento de migrantes e refugiados no Mediterrâneo. Como chegamos até aqui?

Para a Família A. que o movimento do Graal em Lisboa conjuntamente com uma roda de amigos acolheu, "veio um amanhã." Viajando como refugiados do Iraque até à Grécia, a família foi-nos "enviada" através da Plataforma de Apoio aos Refugiados de que o Movimento do Graal faz parte. Depois de uma viagem tormentosa e de meses na Grécia em campos de refugiados, a família chegou-nos às mãos, bem mais cedo do que o previsto em virtude dos problemas de saúde da mãe.

Este projeto emergiu do grupo de oração semanal que decorre no Terraço, o centro do Graal em Lisboa. Três de nós foram esperar a família ao aeroporto, depois da penosa passagem pelo SEF⁸⁶. Tratava-se de uma família muito bela que se lançou nos nossos braços com uma total confiança e gratidão. A jovem mãe, Z., de *hidjab*, e na altura com uma

⁸⁵ Todos fomos sensíveis à fotografia do menino Aylan ainda vestido de vermelho e azul, que aportou a uma praia das ilhas gregas. Essa fotografia tornou-se um ícone de sensibilização ao apoio aos refugiados.

⁸⁶ Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

gravidez de risco do seu segundo filho, logo à chegada foi levada para a maternidade Alfredo Costa onde ficou três dias em observação; Y., um pai carinhoso e atento (são um casal muito jovem) e muito preocupado; H., o filho mais velho tinha apenas sete anos e era uma criança insegura e assustada: tinha sido queimado nas costas por um derrame involuntário de água a escaldar; os dentes todos podres tinham sido tratados a frio no referido campo de refugiados. Uma família bem vulnerável e a precisar de hospitalidade; uma criança extremamente traumatizada apesar do desvelo dos pais para com ela.

Dividimos o trabalho de apoio entre nós, porque só podia ser assim: burocracia e papéis; contas; habitação, saúde; educação e, finalmente, uma boa socialização com outras famílias. Este acolhimento representava muito trabalho, eram múltiplas as vertentes e a vida em Lisboa está cada vez mais difícil. Um contexto totalmente estranho para eles: encarreguei-me da parte da educação, uma dimensão em que me sinto à vontade. Encontrei professoras atentas e acolhedoras; garanti logo um lugar numa creche da Misericórdia para quando o bebé fizesse os quatro meses. Muitos exames médicos. Era preciso "toda uma aldeia" para apoiar esta família, como diz o provérbio africano. A família ficou temporariamente alojada perto do Terraço, o centro do Graal em Lisboa, no anexo da casa de uns amigos do grupo de oração. Posteriormente conseguimos negociar com a Misericórdia uma renda acessível num dos prédios que esta instituição possui na zona. Criámos um grupo alargado de "amigos da Família A." que generosamente contribuiu para as despesas quer através de donativos simples, quer através de contributos mensais regulares. Fiquei também responsável pela elaboração de uma "Carta de Notícias aos Amigos". Foi muito bela a REDE que se teceu à volta da família A. O casal mais responsável que tinha filhos em idades próximas e residia na zona estabeleceu uma parceria muito significativa e calorosa com a família. A mãe de família portuguesa, grande líder neste projeto, era apelidada de *sister* (irmã) pela mãe da família A. Assistimos à criação de uma *sororidade* muito bela.

Como disse assumi a responsabilidade da vertente educativa. Era o mês de abril, mas desejávamos que o menino H. fizesse um processo imediato de adaptação na escola pública do bairro: por sorte havia um

lugar livre numa turma do 1.º ano. Fiz negociações com a direção do Agrupamento. Uma atenta professora preparou com o grupo de crianças o acolhimento do H. Mesmo sem falarem a língua do menino refugiado, acolheram-no com um sentido de hospitalidade extraordinário: a professora propôs a cada criança que viesse cumprimentar o H. (um aperto de mão ou um abraço), dizendo o respetivo nome. O H., tímido e envergonhado, refugiava-se nas pernas do pai (a mãe, por ordem médica, passou o resto da gravidez deitada), ou vinha dar-me a mão e sentar-se ao meu colo, receoso. Comovemo-nos profundamente: o pai, a professora, eu. No dia seguinte uma das crianças comentou para a professora: "O H. tinha os cabelos compridos. Devem ter matado todos os cabeleireiros lá no Iraque...". Outra criança tinha pedido à professora que arranjasse um mapa para saberem bem de onde o H. tinha vindo. Dividiram tarefas entre si para garantirem apoio ao menino que "vinha da guerra". Garantiu-se na cantina a dieta necessária a uma criança muçulmana. Rapidamente o H. tornou-se, à hora dos recreios, o melhor no futebol (desporto de que o pai também era aficionado) e logo alguém lhe ofereceu uma camisola do Cristiano Ronaldo, nome que ele já conhecia e que pronunciava sem se enganar. A camisola fez as suas delícias, não queria usar outra. Foi o primeiro elo de ligação com o país que o acolhia.

O irmão de H. nasceu já em Portugal e detetou-se logo um problema grave de surdez. Através do Sistema Nacional de Saúde fizeram-se exames. Aos quatro meses começou a frequentar a creche. Às companheiras mais velhas como eu, a Z. chama-nos de "mama". O marido, Y. rapidamente ia aprendendo português e foi trabalhar temporariamente como operário numa empresa: trabalho muito duro, longe e sem horário. Ele queria obter uma equivalência da carta de motorista de pesados, a sua profissão no Iraque e de que gostava muito. Alguns meses depois do bebé nascer a Z., que sabia um pouco de inglês, foi aprender português num curso para estrangeiros.

Tem sido um projeto "bem-sucedido" mas implicou muito trabalho e responsabilidade por parte daquelas de nós que, no Graal, escolhemos envolver-nos neste projeto. A família de amigos referida acima teve o importantíssimo papel de ajudar a família A. a inserir-se no bairro,

criando-se solidariedades e cumplicidades várias. Houve uma liderança incontestável e próxima por parte da *sister* e da sua família, num processo competente e pleno de humanidade. A Z. era e é muito religiosa. Um dia fizemos a celebração dos seus anos no Terraço. Ela presidiu: todos aprendemos o que é um ritual do Islão, incluindo abluções, leituras do Alcorão alternadas com leituras da Bíblia. A Z. conduziu-nos com uma imensa dignidade. As crianças estavam presentes. Foi um momento que nunca esqueceremos.

Presentemente a família A. mudou-se para uma vila perto de Aveiro para uma comunidade pequena que a acolheu: a renda de casa é muito mais baixa porque em Lisboa as rendas estão proibitivas; o pai conseguiu emprego numa fábrica (já a equivalência da licença para motorista de pesados); a mãe que era esteticista no Iraque faz trabalho (para já) de ajudante de cabeleireiro. O bebé (já tem quatro anos de idade) está a ser acompanhado no Hospital Pediátrico de Coimbra por causa da sua surdez. De longe continuo a acompanhar a educação: escola do 1.º ciclo para o H., creche numa IPSS da paróquia para o mais pequenino. Quando posso, visito-os. Assim como todos aqueles de nós que colaboraram. Temos muitas saudades. O laço não se quebrará porque todos aprendemos com este processo de acolhimento da Família A.

Diz o Papa:

(...) descobrir a bondade que se esconde no seu coração, tornando-vos atentos à sua cultura e modos de se exprimir, para poderdes iniciar um verdadeiro diálogo fraterno.

Lembro a canção de Pedro Abrunhosa: *Amor em tempo de muros*. O cantor interpela, na introdução: *que espécie de cristandade é esta que recusa o auxílio a seres humanos?*

4. Trabalho em Rede para combater/limpar Lixeiras

Pedro Abrunhosa continua a cantar: *Mais um dia de Salvação. A noite acendia estrelas no chão. O caminho que um faz sozinho, dois fazem melhor.*

Caminhamos para o final deste depoimento que já vai longo. Precisamos de erradicar a pobreza, queremos garantir um espaço humano para

todos. É preciso que repensemos criteriosamente os modelos económicos neste mundo em que vivemos e avançar para uma economia mais solidária. Deposito uma grande esperança na "economia de Francisco." Quero chamar aqui a atenção para este novo modo de trabalhar: *trabalho em rede*. O exemplo da família A. é paradigmático. Há uma desmesura de problemas no mundo que nos faz perguntar: "Para onde nos havemos de virar?" Todo este processo descrito atrás confirma um pensamento já antigo: é em rede que podemos ter alguma eficácia no combate à pobreza ou outras situações de vulnerabilidade. E é bonito este modo de trabalhar: o projeto não é meu (instituição A) ou teu (instituição B), é nosso, e é em cooperação e articulação de esforços que podemos fazer alguma coisa. Sem protagonismos à mistura.

Há cerca de quatro anos estive num dos centros do Graal na **Tanzânia**: uma colaboração entre católicos (minoritários neste país) e muçulmanos ao nível da resolução de problemas locais, de aldeia. Kesikibaha é um centro do Graal perto do monte Kilimanjaro onde se faz uma agricultura autossustentável. Há um grande investimento na formação das jovens das aldeias em redor: literacia, economia social e doméstica, análise social, mas também uma boa preparação teológica. Todas as jovens saem do programa com uma preparação profissional. Dá-se prioridade ao trabalho com o povo Masai: existe uma escola para as meninas, evitando casamentos precoces, e garantindo apoio social e de saúde às famílias, sobretudo às mulheres, envelhecidas prematuramente pelas múltiplas gravidezes. Os homens permanecem garbosos guerreiros e pastores, nos seus panos coloridos e nas suas joias e cajados, alguns vão-se fixando na terra cuidando do gado, mantendo uma agricultura de subsistência, amando e venerando a natureza e mantendo as suas tendas muito belas. O telemóvel pendurado nos seus cintos é um instrumento fundamental de comunicação, de autonomia e de convivência democrática.

Com o Graal no **Uganda** tornou-se fundamental comprar terras, no interior de Kampala. Em Kampala, a capital, a terra onde está construído o centro do Graal pertence aos bispos católicos, o que cria uma dependência do bispo em funções. Na propriedade do Graal no interior faz-se agricultura biológica com o apoio e usufruto da população local, nomeadamente nos produtos da terra e a troco de algum trabalho. A

fundadora do Graal no Uganda está enterrada naquela terra vermelha e fértil, tornando a propriedade inviolável, de acordo com a tradição africana. Várias gerações de mulheres coabitam nos centros do Graal fazendo uma vida comunitária, frugal e simples. Muitas famílias se têm instalado em redor do centro do Graal.

No **Equador** fiz parte da equipa de apoio a um programa internacional de formação no Graal. O Graal em Quito trabalha em articulação com várias instituições religiosas, culturais e políticas, ao serviço do desenvolvimento da população. Apoia centros de turismo rural alternativo em que se vive com uma família indígena, acompanhando o seu ritmo de vida e colaborando nas tarefas domésticas e no campo, num real intercâmbio humano, social e cultural. As famílias, graças a esse tipo de projetos "turísticos", conseguem viver melhor. A lindíssima família com quem vivi uns dias já tinha duas filhas a estudar. Fizemos contacto direto com um centro de acolhimento de mulheres refugiadas e seus filhos, vindas da Venezuela e da Colômbia. No centro faziam atividades variadas que lhes garantiam a sobrevivência. As suas experiências eram dramáticas.

Estas situações levaram-me a ter a iniciativa (co-coordenada por mais duas de nós, do México e EU) de criar no âmbito do Graal internacional uma **Rede Transnacional de Migrantes e Refugiados**: o objetivo destas redes temáticas transnacionais do Graal é criar contactos e atividades que vão para além da organização tradicional por países. Com as Redes transcendemos fronteiras, partilhamos interesses e envolvimentos, apoiamos-nos nos projetos que desenvolvemos nos quatro cantos do mundo, produzimos pensamento sobre os temas que nos congregam. Não se trata de uma ação pela ação, mas de uma ação refletida e eivada de análise crítica, partilhando reflexões emergentes da nossa ação, textos de investigação ou informações recentes. A comunicação eletrónica torna tudo mais simples e imediato.

Diz-me a Mensagem do Papa Francisco:

Em suma, reconhecemos uma multidão de pobres, muitas vezes tratados com retórica e suportados com fastídio. Como que se tornam invisíveis, e a sua voz já não tem força nem consistência na sociedade. Homens e mulheres cada

vez mais estranhos entre as nossas casas e marginalizados entre os nossos bairros.

Vivemos rodeados de muros e esses muros não se situam apenas na Europa. O *Outro* aparece-nos quase como uma “ameaça”. Em alguns casos é assim – o outro pode ser um potencial agressor –, mas na maior parte dos casos o outro é alguém “que não podemos frustrar”, como afirma o Papa Francisco. O outro é aquele a quem estendemos a mão e com quem partilhamos o que temos e somos, e vice-versa, em paridade e numa aprendizagem mútua. Quantos mais muros instalarmos mais esses muros serão invadidos por “outros”, pelos pobres, pelos que vêm de fora, da guerra, da fome, do deserto...

Deste modo temos de desconstruir, a “rede” referida pelo salmista e lembrada na Mensagem de Francisco:

Com vivo realismo, o salmista descreve o comportamento dos ricos que roubam os pobres: “Arma ciladas para assaltar o pobre e (...) arrasta-o na sua rede” (cf. *Sal* 10, 9). Para eles, é como se se tratasse dum caçada, na qual os pobres são perseguidos, presos e feitos escravos. Numa condição assim, fecha-se o coração de muitos, e leva a melhor o desejo de desaparecer.

No entanto os “muros” que países do hemisfério norte constroem, nomeadamente a Europa e os Estados Unidos, são muros altamente sofisticados que é necessário desmontar e denunciar. Não queremos africanos ou asiáticos junto às nossas fronteiras, mas vendemos-lhes massivamente armas para eles continuarem a fazer a guerra; ou pagamos para que eles recebam barcos-contentores com lixo do hemisfério norte para eles “plantarem” nas suas terras e mares, a troco de pagamentos ridículos e que, frequentemente, ficam nas mãos de minorias que têm crescido à custa de uma economia mundial globalizada e a quem só interessa o lucro... o lucro e um luxo quase obscuro. Funcionamos como corruptores também. Compramos-lhes as terras ou as “machambas” que lhes traziam subsistência através de uma agricultura sustentável. Essas terras são tornadas agroindústrias que dão emprego escravo a alguns e deixam

o resto da população na fome e na miséria, sem poderem continuar uma agricultura de subsistência. Nesta rede de interesses e esquemas perversos, a quem serve a globalização? Que mundo é este? Não somos todos, seres humanos, os filhos e filhas de Deus como afirmam os Evangelhos? Continuando a leitura da Mensagem do Papa:

Ao aproximar-se dos pobres, a Igreja descobre que é um povo, espalhado entre muitas nações, que tem a vocação de fazer com que ninguém se sinta estrangeiro nem excluído, porque a todos envolve num caminho comum de salvação (...) para nos comprometermos em primeira pessoa num serviço que é autêntica evangelização.

Não podemos esperar “obrigados” pela nossa solidariedade. A solidariedade torna-se um direito dos mais pobres em virtude das injustiças que continuamos a alimentar. Francisca Gorjão Henriques, no último boletim da AMI⁸⁷, alerta-nos:

Mas não haverá de facto um código não verbalizado para as condições do acolhimento? Não estamos à espera que as pessoas refugiadas fiquem para sempre agradecidas a quem lhes abriu a porta? (...) A Convenção das Nações Unidas relativa ao estatuto dos refugiados (1951) afirma, no seu artigo 33.º, a **obrigação** de não expulsar um refugiado para “as fronteiras dos territórios onde a sua vida ou liberdade estão ameaçadas”. Ou seja, **acolher não é um gesto de boa vontade, é um dever.**

Desprendimento dos possíveis “obrigados”. Frugalidade e despojamento na nossa vida pessoal “uma vida alegremente sóbria”. Partilha e renúncia às coisas inúteis. Este movimento de desprendimento e de frugalidade – uma vida “alegremente sóbria” – indica-me que, na medida das circunstâncias em que vivo, **quero viver à imagem e semelhança dos pobres.** Quero comprometer-me no cuidado com a Casa Comum,

87 Presidente da Associação Pão a Pão. Boletim da AMI n.º 75, 3.º trimestre de 2019

em permanente solidariedade com os seres humanos e com a criação. Quero ousar continuar a lutar pela justiça e descentrar-me do meu próprio ego.

Afirma Alfred Delp, um jesuíta alemão que durante a última grande guerra integrou a resistência alemã e ajudou judeus da sua paróquia a fugir para a Suíça:⁸⁸

Somos uma geração curvada sobre si mesma. Pensamos permanentemente nós, na nossa formação, na nossa autorrealização (...) Relacionamos tudo connosco como se fossemos o seu centro. E precisamente por isso somos cada vez mais pobres (...).

O Novo Pacto das Catacumbas convida-me a:

Assumir, perante a avalanche do consumismo, um estilo de vida alegremente sóbrio, simples e solidário com quem tem pouco ou nada; reduzir a produção de resíduos e o uso de plásticos, favorecer a produção e comercialização de produtos agro-ecológicos e usar o transporte público sempre que possível.

Com Pedro Abrunhosa afirmo: *Guarda-me hoje. Há estrelas a acender.* Sérgio Latouche, um conhecido sociólogo francês, introduziu o conceito de **decrecimento**, criticando as comparações do PIB⁸⁹ entre países. Refere-se aquilo a que chama “uma religião em torno do crescimento e do consumismo”. Convida-nos a consumir menos e melhor, afirmando

88 Alfred Delp, sacerdote jesuíta alemão, (1907-1945), in *Escritos desde la prisión*, Sal Terrae, 2012 (Espanha), refletiu sobre temáticas sociais e políticas, questionando o nacional-socialismo. A Gestapo proibiu aquela publicação. Pároco na igreja de São. Jorge, em Munich-Bogenhausen, integrou um grupo da Resistência além de apoiar judeus, com alimentos e dinheiro, a quem ajudava a fugir para a Suíça. Foi executado, por enforcamento, a 2 de fevereiro de 1945, na prisão de Plötzensee (Berlim) (cf. *Pensamentos em Busca*).

89 Produto Interno Bruto

que “as pessoas felizes não precisam de consumir”. Cita o profundo pensamento de Séneca: “a felicidade não é alcançada se não podemos limitar os nossos desejos e necessidades”.⁹⁰ Que grande interpelação e que grande sabedoria de vida!

Francisco continua:

Aos discípulos do Senhor Jesus, a condição que se lhes impõe para serem evangelizadores coerentes é semear sinais palpáveis de esperança. A todas as comunidades cristãs e a quantos sentem a exigência de levar esperança e conforto aos pobres (...) “Para vós, que respeitais o meu nome, brilhará o sol de justiça, trazendo a cura nos seus raios” (Mt 13, 20).

5. Uma Oração Final

Pedro Abrunhosa continua a sua canção: *Parecem dias de anunciação. É o futuro que te agarra ao chão...*

Desejo permanecer atenta ao chamamento dos pobres. “Que o futuro me agarre ao chão”. Quero sobretudo *ser evangelizada* pelos pobres, à imagem das bem-aventuranças, deixar-me “ser salva” pelos pobres. Qual “pobre de Cristo” dar a minha mão a Deus e encontrar refúgio nos pobres... – na confiança em Deus (e em nós), na certeza de que não estamos abandonados. Desejo convidar o pobre à esperança e viver dessa esperança também, abdicando de algo de mim. Por tudo isso quero estar atenta.

Rezo com o Papa:

90 Serge Latouche é conhecido pelos seus trabalhos de Antropologia económica, e desenvolveu uma teoria crítica da ortodoxia económica. Denunciou o economicismo e o utilitarismo nas Ciências Sociais e criticou, tanto através de uma argumentação teórica consistente como da abordagem empírica, constituída de numerosos exemplos, o conceito de desenvolvimento e as noções de eficácia e racionalidade económica. (cf. Wikipédia).

A ação de Deus em favor dos pobres. É Aquele que “escuta”, “intervém”, “protege”, “defende”, “resgata”, “salva” ... Em suma, um pobre não poderá jamais encontrar Deus indiferente ou silencioso perante a sua oração. É Aquele que faz justiça e não esquece (cf. *Sal* 40, 18; 70, 6); mais, constitui um refúgio para o pobre e não cessa de vir em sua ajuda (cf. *Sal* 10, 14).

Deus precisa das minhas mãos para O ajudar em favor dos pobres. Deus precisa de mim para trabalhar por uma terra mais justa e solidária. Deus precisa das nossas mãos para manter a esperança dos pobres: para fazer acontecer “o sol da justiça”.

Precisamos de “rezar sobre” os pobres, ao jeito de Teilhard de Chardin e da sua “Missa sobre o Mundo”. Rezando entre nós e em comunidade solidária com o Papa, somos desafiados a responder ao apelo:

Antes, pelo contrário, somos chamados a tocar a sua carne para nos comprometermos em primeira pessoa num serviço que é autêntica evangelização. A promoção, mesmo social, dos pobres não é um compromisso extrínseco ao anúncio do Evangelho.

Sem farisaísmos, sem paternalismos ou maternalismos, ao jeito do óbolo da viúva pobre; sem deixar que me vença a “autorreferencialidade”, mas antes a **misericórdia** perante o clamor dos pobres e da terra.

Convida Pedro Abrunhosa: *Nas tormentas temos de ser a luz firme dos outros, a luz de quem precisa – pode ser um coração, uma sarça ardente...*

Essa luz permanece acesa porque:

- reconhecemos os direitos dos pobres;
- os pobres são afirmados na “praça pública”;⁹¹
- ao jeito de José Mário Branco que recentemente nos deixou: não queremos “brincar às caridadezinhas”, colocando as pessoas na nossa dependência porque “têm de ficar eternamente gratas”;
- ajudar no *empowerment* (empoderamento) dos pobres.

91 José Tolentino de Mendonça. *Expresso* de 16 de novembro de 2019

Volto então ao dicionário e à palavra **frustrar**, nos seus múltiplos significados:

- **malogar-se**
- **ficar sem efeito**
- **não suceder** (aquilo que se esperava)

... não quero enganar as expectativas dos pobres pela **recusa das minhas mãos**. Que a minha fome de **justiça** se converta então em gestos de amor e compaixão: que com o auxílio das minhas mãos os pobres *mante[nham] a luz acesa*⁹² e implorem **a grande consolação**⁹³. Em jeito de oração final, **rezo** um poema de Sofia:

Chamo-Te porque tudo está ainda no princípio
E suportar é o tempo mais comprido.
Peço-Te que venhas e me dês a liberdade,
Que um só dos Teus olhares me purifique e acabe.
Há muitas coisas que eu não quero ver.
Peço-Te que sejas o presente.
Peço-Te que inundes tudo.
E que o Teu reino antes do tempo venha
E se derrame sobre a terra
Em Primavera feroz precipitado.

92 Papa Francisco

93 Do poema em epígrafe do padre Mário Rui Oliveira